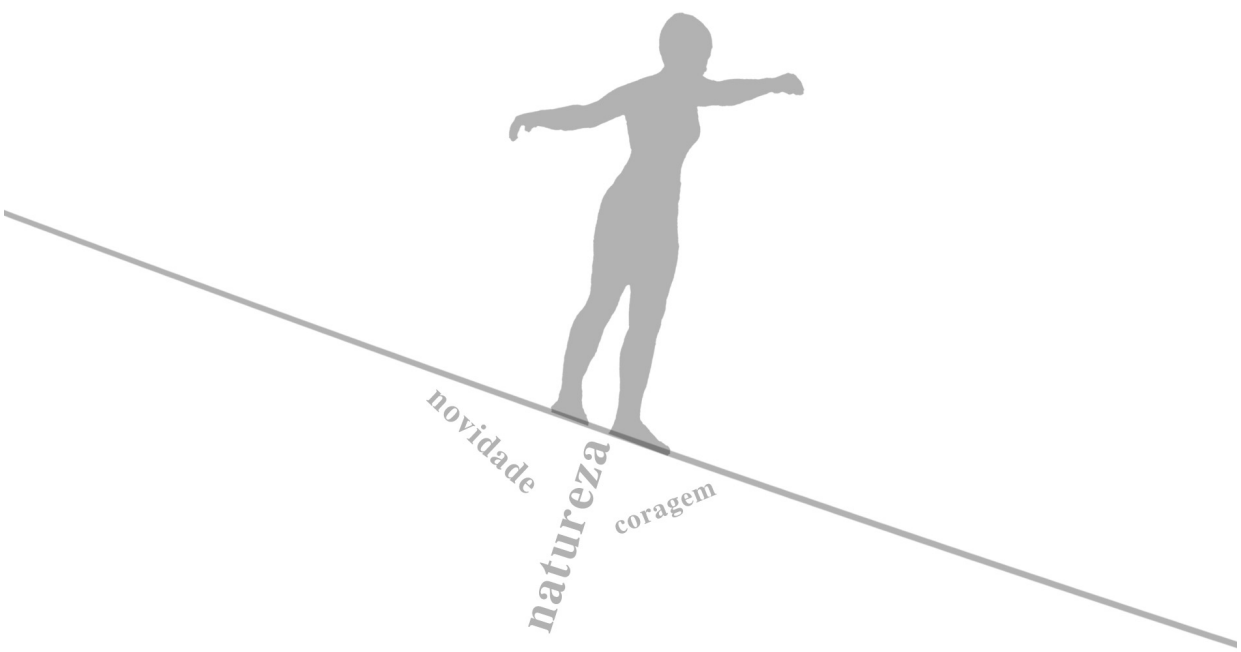
BALÃO



Às cinco, em ponto, Marília está de pé em frente ao hotel, para pegar a *Van* que a levaria até o local de partida do balão. Havia cochilado não mais que duas horas.

Enquanto recebia as instruções, seu coração parecia querer participar ativamente da experiência. Saltava como um bebê feliz ao ver a mãe se aproximando. Não conseguia acreditar que estava ali de verdade. Era uma sensação inexplicável de estar vivendo intensamente.

À medida que o balão vai subindo e tomando velocidade, Marília vê um mundo vivo. Um mundo que existe. Em pleno dia de semana, ela estava ali, vivendo o que seu trabalho podia lhe proporcionar. Era como se toda a correria, agora, valesse a pena. Sentia que estava fazendo uma troca justa.

— Não entendo como ele pode perder tudo isso — Marília ouve o comentário de uma turista ao seu lado.

No balão havia seis pessoas. A mulher comentava baixinho com o marido, sobre um garoto de uns 10 anos que estava com um casal. Ele apreciava a vista enquanto ouvia músicas com seu fone de ouvido.

O marido apenas balança a cabeça em negativa, ao perceber que os pais parecem não se importar. Natural que o menino ouça suas músicas. Mas Marília entendia o que eles estavam dizendo. Eram tantos sons novos. O som do balão, o som do vento, o som do nada, o som do tudo.

Talvez, mesmo sem aquele fone, o menino não conseguisse se envolver no passeio. Estava inserido num mundo tão rápido que concentração era algo que não lhe cabia mais.

Com certeza, os pais achavam natural e até admiravam a habilidade da nova geração. Mas não percebiam, ou não queriam perceber, que aquele menino poderia nunca mais viver uma experiência como aquela. Talvez o pai nunca mais tivesse a oportunidade de lhe mostrar um mundo novo como aquele que estava à sua frente. Quando se lembrasse daquele passeio, não se lembraria da voz do pai, nem da mãe. Não se lembraria dos novos sons, dos "Ohs" emitidos pelos turistas a cada nova paisagem. Quando se lembrasse daquele passeio, só se lembraria de um único som: o do seu moderno e potente aparelho. Sem que os pais percebessem, ele estava vivendo uma experiência solitária, apesar de estar tão perto das pessoas mais importantes da sua vida.

Marília estava feliz em ter se libertado da vida louca. Estava orgulhosa de estar resistindo a seu celular, seu computador, e a seus aparelhos *high tech*.

Aquele menino parecia crescer com todos os tesouros materiais que os pais podiam comprar, mas não tinha um bem único e,

talvez, nunca viesse a ter: "a habilidade de desfrutar." Do valorizar o momento, a conquista. Do viver. Lembrou do homem sem paladar. Aquele menino tinha ouvidos perfeitos, mas estava surdo.

Ao descer do balão Marília está alegre demais para voltar para a cama e descansar. Foi deixada no hotel às onze da manhã e precisava dividir com alguém aquela sensação maravilhosa. Aquela alegria, aquelas imagens, aquelas fotos tinham que ser compartilhadas. Aquele passeio, definitivamente, tinha que ser feito a dois, pois eram precisos vários olhos para admirar tamanha beleza.

Se Paul podia incomodá-la, ela também podia incomodar Paul. Sem cerimônias, vai direto para seu quarto.

— Paul! — chama, ao ver a porta se abrindo. — Podemos adiantar o almoço?

— Estou um pouco ocupado... — diz, sem graça, com a porta entreaberta.

Marília sente o cheiro forte. Percebe alguém se movimentando atrás de Paul. Uma menina na casa dos seus vinte e poucos anos, aparece. Marília se sente ridícula por achar que ele tinha alguma queda por ela. *"Você é patética!"* — define-se. Mas não se deixa abater, ao menos naquele momento.

— Drogas são aceitas no hotel? — Marília pergunta, enfurecida.

Paul coça a cabeça.

— A gente toma cuidado.

Marília dá as costas e vai para seu quarto. Onde estava com a cabeça? Primeiro, achou que estava rolando um clima. Agora,

achava que poderia ser amiga de um cara que largou tudo para viver no meio da natureza e gastava todo o seu dinheiro em baseados!

Ela perde um pouco do ânimo. Uma sensação ruim começa a aplacar sua vontade de gritar de felicidade. Mas voltaria aos trilhos. Estava muito feliz para se chatear com decepções. Estava em busca do equilíbrio de seus sentimentos e agora era a hora da alegria, do orgulho. Com autocontrole, mandaria a decepção esperar até a noite para se manifestar. Assim, vai a seu quarto, pega dinheiro, um livro e ganha as ruas.

Marília volta para o hotel já no início da noite. Resolveu pegar um *tour* depois do almoço. Uma caminhada de três horas pelo meio das pedras e formações rochosas típicas daquela região.

Se Paul bateu em sua porta, enquanto estava ausente, ela não sabia, nem procurou saber. Mas de uma coisa tinha certeza: estava cansada e feliz. Antes de voltar para o hotel, passou em um bar, pegou um lanche para viagem, uma sobremesa e foi para seu quarto. Tomou um banho, comeu e desmaiou.